

PORQUE CONTADORES

PRECISAM ESTUDAR

PSICOLOGIA



Antes de qualquer coisa é preciso salientar algo implícito no título deste texto. O sentido de "estudar", trazido aqui, equivale muito mais do que o entendimento reflexivo sobre alguma coisa ou o simples exercício acadêmico. O sentido de "estudar" é também tomar posse e experimentar o conhecimento. De modo que, este possa fazer parte da vida daquele que se debruçou em tal empreitada de estudo.

O símbolo representativo do profissional de contabilidade é um bastão entrelaçado com duas serpentes, que na parte superior tem duas pequenas asas ou um elmo alado. Chama-se *caduceu*, e os romanos o significava como o equilíbrio moral e da boa conduta.

Já aqui, no símbolo representativo do profissional de contabilidade, observamos uma exigência na competência e na formação deste profissional que passa também pela necessidade de uma preparação e desenvolvimento, digamos assim, de qualidades subjetivas. O discernimento técnico, a objetividade e o conhecimento instrumental do contador passa também por um equilíbrio moral e por uma conduta.

Entendemos que as qualidades subjetivas, enquanto preparação de um profissional integralmente competente, passa pelo desenvolvimento do autoconhecimento deste, em primeiro lugar, e pelo conhecimento do outro em suas diversas manifestações, ou seja, conhecer o outro enquanto indivíduo consciente e incons-

ciente, vivendo conflitos, na relação com o outro, em sua formação e constituição a partir da linguagem, da história de vida, dos aspectos biológicos, do contexto social e de sua cultura. A esta vasta compreensão chamamos de *compreensão do nível psicológico do ser humano*. De acordo com Bock (1999), "a psicologia colabora com o estudo da subjetividade". Para esta autora, o homem deve ser compreendido a partir daí, em todas as suas expressões, "as visíveis (nosso comportamento), as invisíveis (nossos sentimentos) e as singulares (porque somos o que somos)". Tudo está sintetizado na subjetividade.

Além da assertiva urgência de uma formação ética, exigida pelo Conselho de Contabilidade, há de se pensar que as qualidades subjetivas, enquanto necessidades para formação de um profissional competente, passa pela compreensão de que os aspectos técnicos e objetivos não estão dissociados dos aspectos subjetivos do fazer profissional. Neste sentido Schön (2000) vai nos falar que a prática habilidosa é desenvolvida a partir de uma vivência onde há forte presença de situações de incerteza, singularidade e conflito. Ora, estas situações, que são corriqueiras, vividas pelos profissionais, serão resolvidas à medida que estes tive-

rem um certo desenvolvimento das suas qualidades subjetivas. Apenas a garantia do conhecimento técnico e objetivo não será suficiente para uma prática habilidosa.

Pensemos aqui, por exemplo, uma certa situação da vida prática de um profissional de contabilidade. Tal profissional trabalha numa determinada empresa há 10 anos. Durante todo esse tempo sempre nutriu ótimas relações com seus colegas, subordinados e chefes. A própria empresa tornara-se, para este profissional, algo muito significativo. A empresa era sua segunda família. Num determinado momento da vida dessa empresa, houve um colapso financeiro, tendo como consequência fatores externos, a tal ponto que ameaçava a própria sobrevivência da empresa. O profissional contador, que já estava bastante envolvido com a empresa, não conseguiu estabelecer cálculos e projeções que fossem compatíveis com a realidade, superestimando esta e prejudicando ainda mais a situação da empresa que tanto lhe era importante.

Vamos agora analisar este exemplo trazendo uma possível compreensão dos aspectos psicológicos inerentes a essa situação. É louvável e altamente desejável que os colaboradores de uma organização possam criar bons níveis de re-

□ Marcelo Ribeiro

□ Psicólogo e professor de Psicologia Aplicada da Universidade Salvador - UNIFACS.

lações pessoais no trabalho. Aliás, este é um aspecto muito perseguido na atualidade. Até porque a boa qualidade nas relações interpessoais é fator de direta influência na dinâmica de toda e qualquer organização. Sem falar, por exemplo, na capacidade criativa daí decorrente, como nos aponta De Masi (1999). Essa qualidade subjetiva, que é interpessoal, passa por um certo conhecimento das dimensões psicológicas. Num entanto, é importante atentar também para a relação que estabelecemos com a própria empresa. O que esta significa, quais as representações que se tem a respeito dela. Isto pode ser decisivo tanto para empresa, quanto para o profissional. No caso do exemplo trazido para ilustrar esta situação, o contador estava tão envolvido, era tão importante para ele à empresa, que foi incapaz de elaborar um olhar da situação financeira desta, tal como se apresentava. Seu olhar estava enviesado de sentimentos que desejavam ver a empresa num estado mais favorável. É claro que o envolvimento é interessante e até certo ponto inevitável. Mas o profissional deve ter o envolvimento, em termos de sentimentos e desejos, mantendo, ao mesmo tempo, uma certa distância, para possibilitar melhor visibilidade da situação e agir mais condizentemente com a realidade.

Mas o que é realidade afinal? A própria compreensão do que seja realidade é algo que passa pelos aspectos objetivos e subjetivos, de um modo indissociável. Atualmente, vários são os estudos em áreas diferentes do conhecimento científico, que vêm apontando para essa inseparabilidade dos aspectos objetivos e subjetivos para compreensão da realidade. Estudos da neurociência como é o caso de Pribam (1971) que nos fala que os cérebros constroem matematicamente a realidade "concreta" a partir de uma realidade primária que transcende tempo e espaço, ou os estudos da física quântica propagado, principalmente, por Capra (1980), que nos diz a respeito da dupla natureza dos elementos quânticos e de como há uma forte interferência do pesquisador em relação ao objeto pesquisado. Existem também os estudos nas ciências sociais, como por exemplo, os estudos de Berger e Luckmann (1976), que nos fala sobre a dialética da objetivação e subjetivação da realidade enquanto cons-

trução social. Parece não haver como separar o que é objetivo do que é subjetivo num fazer profissional. Entretanto, é importante que se conheça as qualidades subjetivas inerentes e envolvidas à própria prática. Tanto para evitar um sobrecarregamento dos sentimentos e desejos, como no exemplo anteriormente citado, quanto para melhor aproveitar essas potencialidades e transformá-las em competências profissionais.

A idéia da inteligência emocional trazida por Goleman (1998) e entre outros, passa pela compreensão da coexistência de dois tipos de mentes no ser humano. Uma mente racional e uma mente emocional. Ou nas próprias palavras do autor:

"As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. Na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando ou incapacitando – o próprio pensamento" (p.42).

Mas é o próprio Goleman (1998) que vai apontar para uma educação emocional, ou seja, a necessidade de se desenvolver, em particular, na formação dos profissionais, essas competências que chamamos aqui de qualidades subjetivas.

Mas até aqui falamos de uma necessidade ou justificamos o estudo da psicologia de um modo genérico. Tudo que foi falado pode ser aplicado a qualquer profissional. Afinal de contas, todos necessitam desenvolver suas qualidades subjetivas, até porque todos os profissionais se relacionam, estão interligados a organizações, lidam com situações de incerteza, singularidade e conflitos. O que poderia, finalmente, especificar a relevância do estudo da psicologia para o profissional de contabilidade?

Vamos para história humana. Desde que o homem passou a dominar a natureza e se desvencilhou simplesmente da condição de coletor e caçador, passando a plantar e criar animais, necessitou, a partir daí, desenvolver condições que pudessem dar conta de estruturar, organizar e sistematizar sua produção. O homem precisava calcular os seus produtos, precisa armazenar, medir, pôde também a partir daí estabelecer trocas de mercadorias, fazer previsões e balanços de sua produção. Nasce entre outros tan-

tos saberes modernos, o saber contábil.

Ora, de lá para cá muitas coisas mudaram. A sociedade é mais complexa. Novos elementos se juntaram aos antigos procedimentos e antigos conhecimentos, gerando por sua vez, novos conhecimentos. O contador é também um analista, aquele que analisa a situação econômica da pessoa física ou jurídica. E essa análise deve ser feita em sua complexidade para melhor se aproximar da realidade. Pois a realidade, como discutimos, é complexa em sua objetividade e subjetividade. E a realidade econômica-contábil ligada aos mais diversos contextos é deveras complexa. A própria interpretação do contador em relação ao seu cliente interno ou externo, de pessoa física ou jurídica, passa por essa complexidade.

A realidade econômica-contábil de uma pessoa física ou jurídica passa também por um contexto da subjetividade. Por exemplo, uma empresa que enfrenta dificuldades ao nível das relações interpessoais pode, como conseqüência, sofrer prejuízos financeiros. Uma pessoa, que vivencia um momento de compulsividade em gastar, pode entrar num processo de endividamento. Uma organização que passa por grandes transformações estruturais, por causa de mudanças de mentalidade na chefia, pode ter oscilações em sua vida contábil.

Além do profissional de contabilidade necessitar de um preparo para lidar melhor com os aspectos das relações interpessoais e do seu autoconhecimento, ele necessita desenvolver um "olhar" que lhe garanta uma compreensão dessa realidade complexa, onde elementos da subjetividade vão estar também interferindo direta e indiretamente no seu fazer profissional, ou seja, na sua análise situacional, na sua projeção, no seu balanço econômico-financeiro, na assessoria contábil jurídica e na sua prestação de serviço equilibrada e de boa conduta. Talvez aqui encerre um certo sentido do símbolo do contador. Àquele que discerne, aquele que pode enxergar através e a partir do encontro, da inseparabilidade do objetivo e do subjetivo. E aqui está, para os contadores, a importância de se estudar psicologia. Uma abertura para conhecer melhor a realidade complexa do seu fazer profissional, que é também uma realidade da ordem subjetiva.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional. A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida. Uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2000.

PRIBRAM, Karl (org. et al). O paradigma holográfico e outros paradoxos. Uma investigação nas fronteiras da ciência.. São Paulo: Cultrix, 1996.

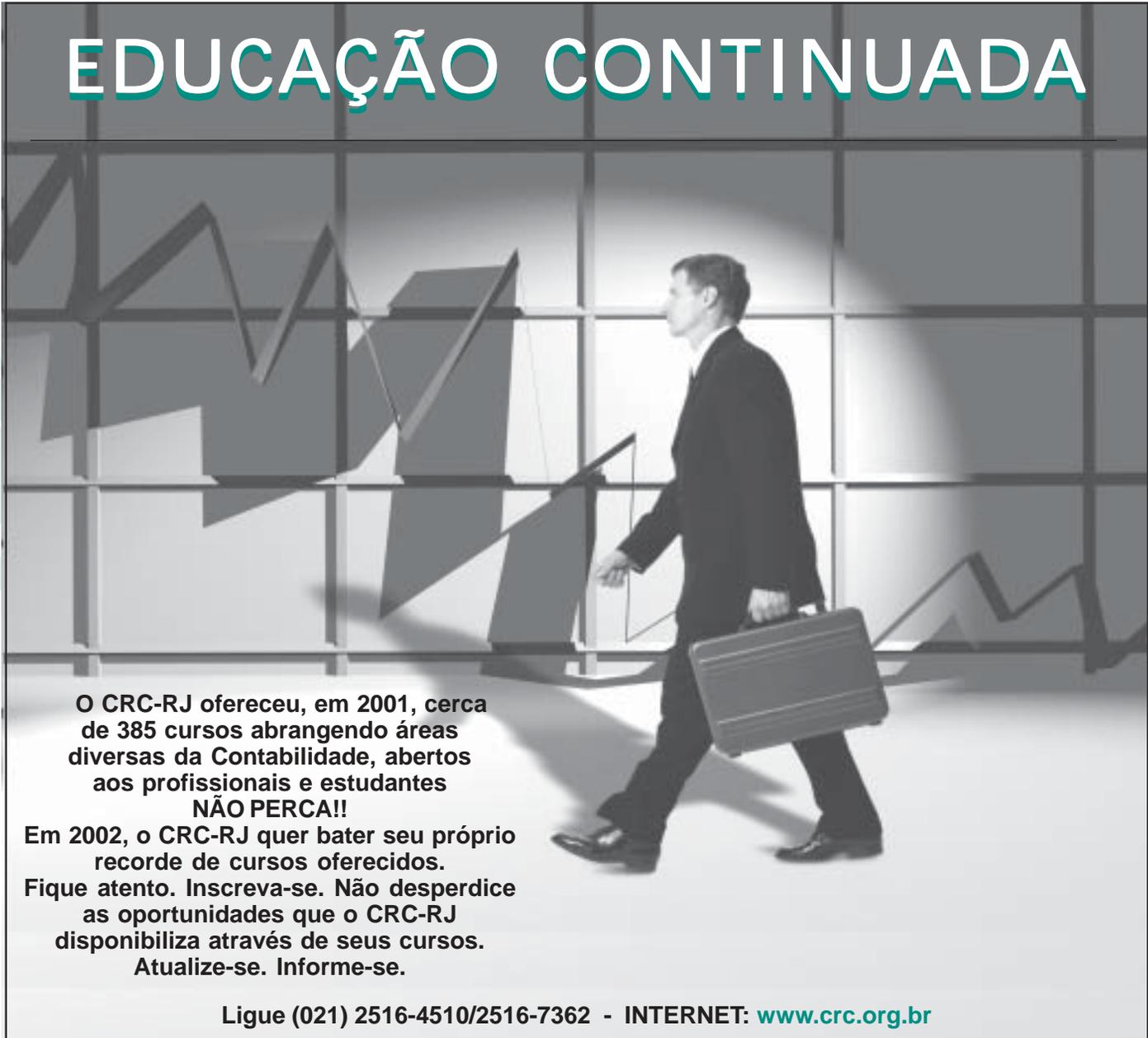
DE MASI, Domenico (org.). A emoção e a regra. Os grupos criativos na Europa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia (org. et al.). Psicologias. Uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

Schön, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Site do Conselho Federal de Contabilidade.

EDUCAÇÃO CONTINUADA



O CRC-RJ ofereceu, em 2001, cerca de 385 cursos abrangendo áreas diversas da Contabilidade, abertos aos profissionais e estudantes
NÃO PERCA!!

Em 2002, o CRC-RJ quer bater seu próprio recorde de cursos oferecidos.

Fique atento. Inscreva-se. Não desperdice as oportunidades que o CRC-RJ disponibiliza através de seus cursos.

Atualize-se. Informe-se.

Ligue (021) 2516-4510/2516-7362 - INTERNET: www.crc.org.br